

## O SANDINISTA

Paulinho Rocha começou no jornalismo local no final dos anos 60 e, no início dos 70, estava no Diário da Franca. Foi colega de Magno Dadonas e Randau de Azevedo Marques, jornalistas da cidade que migraram para São Paulo e fizeram carreira por lá. Paulinho acabou fazendo o mesmo depois de perseguido pela ditadura militar, quando providencialmente sumiu da cidade e viveu em locais distantes. Acabou virando repórter de um grande jornal paulistano e foi destacado para cobrir a guerra civil da Nicarágua entre o regime do ditador Anastácio Somoza e a Frente Sandinista.

A revolução popular Sandinista aconteceu na Nicarágua entre 1979 e 1990, sob o comando da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) - assim chamada em memória ao líder de esquerda Augusto César Sandino, morto em 1934 por Somoza. Entre as décadas de 1930 e 1970, a família Somoza controlou a vida política nicaraguense, implantando uma feroz e corrupta ditadura com apoio norte-americano. Dizem que o presidente Roosevelt comentou que "Somoza pode ser um filho da puta, mas é o nosso filho da puta".

A família Somoza concentrava a maior parte das terras da Nicarágua, com plantações de café, destilarias de rum, usinas de açúcar e criação de gado. Estima-se que os Somoza eram donos de cerca de 20% de toda a terra rentável da Nicarágua. Após o terremoto que devastou Manágua em 1972, os Somoza abocanharam a maior parte da ajuda humanitária internacional enviada para reconstruir o país, o que os fez perder parte do apoio da burguesia local. A guerrilha foi ganhando força e se aproximando da capital do país. Paulinho Rocha chegou à Nicarágua na fase final do confronto. Acompanhando uma das tropas sandinistas, Paulinho entrevistou um dos comandantes do batalhão. Por uma dessas coincidências incríveis, o guerrilheiro era brasileiro, havia morado em Franca na juventude como estudante interno no Colégio Champagnat dos irmãos maristas. Seu nome era Clóvis Michels.

Ao revelar sua identidade, Michels deu ao mundo a informação sobre seu paradeiro, desconhecido até para a família. Seu pai era um político, foi prefeito de Diadema na época da ditadura. Sua família até hoje é influente na política da região do ABC. Em maio de 1970, o então estudante de Medicina Clóvis Michels, para fugir à perseguição da ditadura, havia sequestrado um avião que fazia a rota Porto Alegre – Manaus, com o objetivo de fugir para Cuba, que de fato lhe deu asilo. Fez treinamento para guerrilhas e reapareceu na luta pela libertação da Nicarágua. Em 17 de julho de 1979, o então ditador Anastácio Somoza Debayle fugiu para Miami (e foi morto por um tiro de bazuca pouco depois no Paraguai). A revolução triunfou dois dias depois, tomando o controle da capital e instaurando a Junta de Governo, que teve que lutar mais 11 anos com os "contras" financiados pelos norte-americanos.

Alguns anos após a vitória da revolução, Clóvis retornou ao Brasil e visitou em Franca seus antigos colegas do Champagnat, que lhe ofereceram um jantar. Imagino o teor da conversa durante o convívio que reuniu um ex-guerrilheiro revolucionário com burgueses francanos que haviam se tornado ultradireitistas. Pelo menos o vinho deve ter sido muito bom.

Mauro Ferreira é arquiteto